

## O espaço regional nas cidades imaginadas de Erico Verissimo

### Regional space in Erico Verissimo's imaginary towns

Márcio Miranda Alves\*

---

**RESUMO:** Analisamos neste artigo a representação literária do espaço regional em Jacarecanga, Santa Fé e Antares, cidades imaginadas dos romances *Música ao longe*, *O tempo e o vento* e *Incidente em Antares*, de Erico Verissimo. Procuramos interpretar como as cidades do “interior” são percebidas pelas personagens e como estas se posicionam em relação ao “centro”. Se por um lado existe desconforto e sentimento de exclusão do sujeito que reside nesse ambiente, por outro há também apego à terra e reafirmação da tradição. Como aporte teórico, trabalhamos com o conceito de região sócio-cultural, proposto por Berumen (2005), e de espaço, por Certeau (1994).

**ABSTRACT:** We analyze in this paper the literary representation of regional space in Jacarecanga, Santa Fé and Antares. They are imagined towns present in the novels *Música ao longe*, *O tempo e o vento* and *Incidente em Antares*, written by Erico Verissimo. We try to understand how the countryside towns are perceived by the characters and how they place themselves in relation to the "center". If on one hand there is unease and feeling of exclusion from the man who lives in that ambience, on the other hand there are also attachment for the land and reaffirmation of the tradition. As a theoretical contribution we work with the concept of socio-cultural region, proposed by Berumen (2005), and space, suggested by Certeau (1994).

**PALAVRAS-CHAVE:** Região. Campo. Terra natal. Erico Verissimo. Literatura brasileira.

**KEYWORDS:** Region. Countryside. Homeland. Erico Verissimo. Brazilian Literature.

---

### 1. Introdução

A cidade e a ocupação de seus espaços são a base para o enredo na maior parte dos escritos ficcionais de Erico Verissimo. Pode-se facilmente constatar isso nos seus primeiros romances, cujas histórias transcorrem em Porto Alegre, bem como na produção mais tardia, de *O tempo e o vento* a *Incidente em Antares*, passando por *Noite* e *O senhor embaixador*. O costume do escritor de desenhar um mapa por onde as personagens devem transitar já sinaliza a importância da cidade na composição narrativa, não apenas como arquitetura urbanística onde encontram-se a praça, a igreja, o clube e os casarões das famílias tradicionais, mas, muito além disso, como centro convergente dos dramas humanos. Transitando nesse espaço, as

---

\* Doutor em Letras pela USP. Professor colaborador no Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade da Universidade de Caxias do Sul (UCS).

personagens vivenciam a cidade em suas ações e a partir dessa vivência revela-se o “espírito” do meio, como já apontou Bordini (2007, p. 4).

Embora muitas das personagens criadas por Erico Verissimo sejam habitantes do campo, é no ambiente urbano que elas se reúnem para expressar suas percepções do mundo. O urbano, nessa acepção, não significa somente a cidade grande e motorizada, mas também toda e qualquer cidadezinha onde exista a aglomeração de um determinado número de pessoas e de coisas. Equilibrando-se no limite entre esses dois mundos antagônicos, em que a novidade representa uma ameaça ao tradicional, as personagens experimentam um sentimento constante de repulsa e atração em relação à sua região e a outras regiões que se descortinam. Por conta da evolução dos meios de comunicação, dos sistemas de transporte, da modernização dos objetos domésticos e da migração, entre outros, essas regiões estão cada vez mais próximas umas das outras – num sentido figurado – e a sensação de isolamento diminui.

Partindo do pressuposto de que Erico Verissimo tem como projeto romanesco apresentar um panorama da sociedade gaúcha, desde sua formação inicial até meados da segunda metade do século XX, somos tentados a observar as estratégias narrativas do escritor no que concerne ao espaço regional representado. Se por um lado o Rio Grande do Sul constitui-se numa região sociocultural com características próprias,<sup>1</sup> que muitas vezes transbordam os limites geográficos, por outro essa mesma região abrange diversas microrregiões – Campanha, Planalto, Serra, Missões, Litoral, etc... – que não podem ser ignoradas como constituintes de uma “cultura gaúcha”. Foi a falta de atenção a essa diversidade regional, ou o próprio combate a essas diversidades, entre outros motivos, que levou boa parte da literatura produzida no Sul a enaltecer o homem do pampa em detrimento de outros habitantes que nada tinham a ver com cavalo, guerras, bombachas e invernações, mais marcadamente na fase do regionalismo literário das primeiras décadas do século XX.<sup>2</sup>

Juntamente com outros escritores, como Dyonélio Machado e Cyro Martins, Erico Verissimo produz a partir dos anos 30 uma literatura regional – publicada no Rio Grande do

---

<sup>1</sup> Trabalhamos com o conceito de região sociocultural de Berumen (2005, p. 56), quando este afirma: “Reconhece-se a região sócio-cultural a partir do conjunto de valores compartilhados pelos habitantes de um mesmo território; pelas formas de vida cotidiana que identificam uma comunidade e a distinguem das demais; pela existência de um passado comum; e, enfim, por tudo aquilo que dá conta da existência de uma identidade cultural e que se traduz em atitudes, tradições, costumes, símbolos e crenças que são comuns a um grupo humano. Porque, insistimos, o importante não são as características físicas ou geográficas do território, mas a dimensão espacial dos fenômenos culturais”.

<sup>2</sup> Sobre o fenômeno do regionalismo literário no Rio Grande do Sul, ver: LEITE, Ligia Chiappini Moraes. *Regionalismo e modernismo: o “caso gaúcho”*. São Paulo: Ática, 1978.

Sul, por uma editora local (Globo) e para um público gaúcho – que passa a considerar como matéria para a ficção não apenas o homem da Campanha, mas os diferentes grupos que compunham à época a sociedade sulina.<sup>3</sup> Nesse tecido social aparecem a burguesia urbana e campesina, o imigrante italiano e alemão, o negro, os migrantes paulistas e baianos e, ainda, os coronéis e peões da zona rural, agora numa situação de enfraquecimento enquanto figuras que centralizavam as ações de mando e poder até pelo menos o final da Primeira República. Esses tipos apropriados como personagens circulam por diferentes espaços dentro da fronteira geográfica que delimita o Rio Grande do Sul, revelando a pluralidade cultural da região sob uma perspectiva que transborda a própria região.

Segundo aponta Certeau (1994, p. 202, grifo do original), “espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais. [...] Em suma, *o espaço é um lugar praticado*”. É dessa forma que as cidades imaginadas de Erico Verissimo, tomadas como o microcosmo de uma extensão maior, podem e devem ser percebidas. Elas estão situadas em um determinado espaço regional, ocupam a posição de centro naquele contexto ficcional, mas essa representação somente torna-se possível porque foram de fato vividas e praticadas. Seus nomes são fruto da imaginação do escritor, mas os programas conflituais são retirados de uma realidade histórica reconhecida.

Nesse sentido, nosso foco de interesse volta-se para as cidades de Jacarecanga, Santa Fé e Antares, dos romances *Música ao longe*, *O tempo e o vento* e *Incidente em Antares*, respectivamente. No plano da narrativa as três cidades estão localizadas em regiões diferentes do Rio Grande do Sul, que são a Campanha, o Planalto e as Missões. Interessa-nos sobretudo analisar a relação que as personagens estabelecem com sua terra natal, entendida esta como “um tipo específico de relação que pessoas cultivam com lugares, espaços, regiões, justapondo-se frequentemente as dimensões espacial e social” (MECKLENBURG, 2013, p. 174). Além disso, atentamos ao modo como percebem o seu lugar de origem em comparação com outras localidades, particularmente as capitais.

---

<sup>3</sup> Importante diferenciar a literatura regional da literatura regionalista, duas categorias que não raro são confundidas pela crítica. De acordo com Stüben (2013, p. 49-50, grifo do original), a “literatura regional é, por um lado, o conceito geral para a literatura de uma região relativamente fechada e, por outro, o termo técnico de gênero que descreve obras individuais com relação especial a peculiaridades regionais. Mesmo quando, com forte marca de sua referência regional, o efeito de textos ligados à região permanece limitado a uma esfera mais estreita, isso ainda não diz nada sobre o seu valor artístico. Obras que propagam a cultura da região, como programa e paradigma, que a diferenciam de outros locais ou que a defendem contra uma perspectiva voltada para um centro, podem ser definidas como *literatura regionalista*”.

Dessas três obras do *corpus*, em duas os protagonistas vivem a experiência de morar no Rio de Janeiro – Rodrigo Cambará em *O tempo e o vento* e Tibério Vacariano em *Incidente em Antares*. Em *Música ao longe*, os protagonistas Clarissa e Vasco movimentam-se apenas dentro dos limites de Jacarecanga. Em certo sentido, a análise do comportamento de Tibério, Rodrigo, Clarissa e Vasco trilha o mesmo caminho já percorrido por Arend (2012), o qual direciona algumas luzes sobre a problemática do “mal-estar na região”, situação em que as personagens literárias “tanto podem se sentir perfeitamente integradas ao mundo regional, como também entrar em conflito com os valores culturais vigentes [...]” (2012, p. 88).

Esse “mal-estar”, ao que nos parece, é o combustível que alimenta o drama existencial de muitos protagonistas da literatura brasileira. No caso das personagens em questão, essa reflexão vai um pouco além, no sentido de pensar como os artifícios da modernidade são capazes de abalar os costumes tradicionais, e como a representação de uma crise de ordem pessoal ou familiar – não necessariamente econômica, mas também de questionamento do ambiente tal qual ele se apresenta – pode significar uma crise social mais ampla, que não se restringe ao local. O “mal-estar” na região, portanto, seria um reflexo direto de um “mal-estar” na modernidade, a expressão regional de fenômenos que se impõem a partir de um contexto suprarregional.

## **2. Jacarecanga (Região da Campanha)**

É curioso que em meio a uma produção ficcional voltada para o universo urbano da capital Porto Alegre, conhecida da crítica como “ciclo de Porto Alegre”, Erico Verissimo tenha situado a narrativa de *Música ao longe* na pequena Jacarecanga. Este é o único entre os sete primeiros romances cuja temática não gira em torno de personagens da pequena burguesia citadina, envolvidos com problemas comuns que surgem do rápido processo de urbanização, da industrialização e da crise da oligarquia. Em *Música ao longe* ocorre uma espécie de retorno à base dos eventos que mudam radicalmente o perfil econômico, social e cultural gaúcho. Ao invés da luta pela adaptação na cidade motorizada, o foco volta-se para o declínio do patriarcado rural e a ascensão de um novo elemento social – o imigrante.

Em *Música ao longe*, a história da família Albuquerque se confunde com a do próprio Rio Grande do Sul. O patriarca morre e os negócios pioram por causa das crises econômicas e da incapacidade de gerenciamento dos herdeiros. Sem o hábito do trabalho, já que são acostumados apenas a mandar, os herdeiros preferem hipotecar as propriedades, que aos poucos

passam para as mãos dos imigrantes italianos (família Gamba). O imigrante prospera rapidamente com o comércio e passa a ser visto como o culpado pela falência do gaúcho. Se a família perde todos os bens materiais, não abre mão das memórias de um passado glorioso. A personagem João de Deus, líder do clã, gosta de recordar as histórias das revoluções, os combates, os nomes dos coronéis e dos generais.

Os protagonistas da narrativa são os jovens Clarissa e Vasco. São eles, cada um a sua maneira, que observam o lento declínio do sistema patriarcal a partir da desagregação familiar. Ela, ainda ingênua em relação ao que ocorre ao seu redor, não consegue perceber a crise dos Albuquerque como reflexo de um novo ordenamento social e econômico. Ele, chamado por todos de “gato do mato”, rebela-se contra a família, questiona o apego às tradições e a manutenção de certos códigos de conduta. Seu maior gesto de afronta aos “antigos” é trabalhar como empregado do imigrante italiano.

– Eles não de se convencer de que a tradição, o nome, os fumos de valentia não valem nada. Ainda não de ficar sem teto pra morar. Os gringos ficarão donos do quarteirão inteiro, da cidade, do município. Que me importa!

– Vasco!

Gato do Mato se entusiasma. Recomeça os rabiscos no chão, com fúria.

– No dia em que eles sentirem mesmo a miséria de verdade é que vão compreender. E então vai ser tarde, tarde demais. Tudo culpa dessa maldita educação antiga. Tradição de família, generais, guerras, atos de bravura, sangue azul... Pipocas! Sangue azul... esses descendentes de bugres e negros!

(VERISSIMO, 1987, p. 231-232)

Personagem de personalidade mais forte do romance, Vasco tem a percepção clara dos problemas que se apresentam e a sua voz de denúncia provoca conflitos com os demais. A consciência dos motivos da crise – econômica, moral – também causa sofrimento e Vasco lida com isso do jeito mais fácil, fechando-se em seu casulo, ausentando-se por dias, fugindo do problema. Ele percebe a crise como resultado do apego ao passado, mas não relaciona essas tensões a uma experiência da modernidade que lentamente chega às pequenas cidades. A referência que a personagem faz aos “gringos” e aos “descendentes de bugres e negros” vai ao encontro da observação de Berman (2008, p. 24) sobre a anulação das fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade causada pela modernidade. Em Jacarecanga os homens se consideram bravos e nobres, superiores ao imigrante, mas, como lembra Vasco, não passam de descendentes de negros e bugres. Vasco é só mais um que foi lançado no turbilhão de

“permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambiguidade e angústia” (BERMAN, 2008, p. 24), situação ainda imperceptível para os outros membros da família.

Vasco e Clarissa também divergem na forma com que encaram a vida em Jacarecanga. Clarissa está acomodada ao espaço limitado da pequena cidade, mas Vasco deseja partir para um lugar diferente, bem longe do “atraso”. Apesar de ter estudado em Porto Alegre, onde se formou professora, Clarissa não se deixa tomar pelos encantos da urbanização. Em Jacarecanga, a jovem sente-se de fato em casa e não se abate com as brigas e a falta de recursos.

Se o campo fosse um mar (as coxilhas verdes até parecem ondas...) Jacarecanga seria uma ilha. Ilhazinha cheia de gentes e coisas engraçadas. Ilha perdida. Seu Leocádio, seu Podalírio, a Banda Municipal, o Clube Recreio Jacarecanguense, o cinema de seu Mirandolino, o quiosque da praça... (VERISSIMO, 1987, p. 4)

A percepção que Clarissa tem do espaço em que habita surge como um contraponto à exaltação dos aparatos e do homem moderno. O olhar de Clarissa para Jacarecanga é a consciência de um isolamento às avessas. Ou seja, é preciso enxergar o pitoresco e o engraçado mesmo num cenário de poucas novidades, marcado por uma rotina implacável. Pensando como Clarissa, suporta-se com mais facilidade a carência de riqueza cultural e o provinciano fica menos provinciano. Mesmo quando ela admite sentir-se desconfortável na cidade, isso não significa haver o desejo de uma fuga na prática. A leitura de um livro, como ela diz, já serviria para esse propósito. “Quando leio, gosto de imaginar que sou a mocinha da história. Ler é muito bom. Se não fosse a leitura eu era muito infeliz. Lendo, parece que fujo de Jacarecanga”. (VERISSIMO, 1987, p. 155)

Na verdade, são os problemas familiares (a falta de dinheiro, as hipotecas, as brigas) que levam a personagem a buscar na leitura uma forma de fuga à realidade. Estar ausente de Jacarecanga não quer dizer abandonar a terra natal, nem mesmo por ânsia de aventuras, mas, sim, deixar os conflitos para trás. A crise familiar, espelho da crise social, é difícil de suportar até mesmo para uma jovem de 16 anos.

Vasco, por outro lado, tem uma visão bem distinta.

- Tenho vontade de ir embora. Isto aqui não é terra, não é vida. O mundo é largo, há muita coisa bonita pra gente ver e fazer...
- Mas, Vasco, tu não tens amor à tua terra? Nós brincamos aqui...
- Vasco solta uma risada.
- Pois aí é que está o mal. Tenho raízes em Jacarecanga. Vejo que a cidade é morta,

que o povo é atrasado, que a vida que a gente leva aqui não é vida... Mas me sinto preso. Tu nem imaginas como eu quero bem a tudo isto. O pátio, a figueira, a paineira... (VERISSIMO, 1987, p. 182)

Essa declaração de Vasco, até certo ponto surpreendente na narrativa, revela a medida de forças entre a rejeição e o apego ao espaço regional representado. Se Clarissa ama sua terra e sua gente e gosta de ler para fugir de Jacarecanga, levada pelas personagens romanescas, Vasco, por sua vez, quer partir de fato, mas reconhece que raízes o prendem a Jacarecanga. Ele quer ganhar o mundo, sente-se sufocado na pequena cidade, mas sente que algo (a tradição?) atua no sentido contrário de suas pretensões.

A confissão de Vasco mostra-se como um forte indício de relativização por parte do escritor na representação do Rio Grande do Sul enquanto uma região cultural que caminha, ainda que lentamente, para a urbanização. O vacilo de Vasco quanto a partir ou ficar traduz um questionamento em relação à possibilidade de o homem abandonar suas tradições, dar as costas para a região que o moldou. Nessa acepção, o homem nunca deve abandonar totalmente suas raízes, independentemente das crises que vier a ter que enfrentar. Mesmo que ele parta, seus valores e seu passado histórico nunca serão apagados. Além disso, os problemas advindos da experiência da modernidade não são diferentes no campo e na cidade. Ninguém pode escapar nem se esconder de suas consequências.

Ao final da narrativa prevalece o ponto de vista de Vasco sobre o de Clarissa, uma vez que ele é quem mais se aproxima de uma interpretação coerente do fenômeno social em curso. Mesmo que ele não receba a mesma atenção por parte do narrador, e Clarissa tem como vantagem um diário cujos trechos são transcritos na narrativa, Vasco possui a voz capaz de descortinar posturas conservadoras e regionalistas. No projeto romanesco de Erico Verissimo essa personagem marca uma oposição à visão demasiadamente otimista da vida, como constatamos em *Clarissa*, publicado dois anos antes.

### **3. Santa Fé (Região do Planalto)**

Modelo mais completo das cidades imaginadas de Erico Verissimo, Santa Fé assume o papel de verdadeiro personagem na trilogia *O tempo e o vento*. A fundação da vila está diretamente ligada à história da família Cambará e, conseqüentemente, à representação da formação da sociedade gaúcha desde o século XVIII até meados do XX. Embora o Sobrado seja o palco principal dos acontecimentos, outros espaços da cidade servem para abrigar

pessoas, objetos e práticas culturais que são dispostos de maneira a reproduzir num pequeno ambiente os principais eventos do mundo contemporâneo em cada época representada – invenções técnicas, guerras, revoluções, ideologias, imigração, crises políticas, movimentos artísticos, fenômenos da natureza, etc.

Através das ações e do caráter das personagens, sempre influenciadas e “afetadas” pela história, Santa Fé transforma-se aos poucos, absorvendo as novidades proporcionadas pela experiência urbana. Na representação literária das primeiras décadas do século XX, período que mais nos interessa, Santa Fé já se mostra aberta para o moderno, graças ao empenho de personagens atentos aos apelos da *belle époque*.<sup>4</sup> Isso não significa, necessariamente, a modernização do espaço rural, visto que a estrutura social oligárquica baseada no latifúndio ainda prevalece, bem como a mentalidade conservadora de homens ainda presos a velhos costumes.

Como seria a sociedade santafezense em 1910, segundo o narrador:

Se algum forasteiro pedisse a um santafezense para apontar-lhe os elementos formados dessa elite, sem hesitar o filho da terra responderia que o creme daquele leite social era constituído pelas famílias dos fazendeiros mais abastados do município, como os Macedos, os Cambarás, os Prates, os Quadros, os Fagundes, os Amarais, os Teixeiras... Diria mais que, em pé de igualdade com esse patriciado rural estavam os comerciantes mais fortes da cidade, como o Marcelino Veiga, proprietário da conceituada Casa Sol, etc, etc... Eram esses estancieiros chefes de famílias numerosas (o Cel. Macedo tinha doze filhos, seis mulheres e seis varões), moravam em vastas e sólidas casas situadas numa das duas praças principais da cidade ou na rua do Comércio. Faziam parte das comissões executivas dos partidos políticos e, no dizer do Chiru Mena, eram “ouvidos e cheirados” a respeito de quase tudo quanto interessasse à vida política, econômica ou social da comunidade. O prestígio de que gozavam repousava não apenas no fato de serem gente de dinheiro, senhores de terras, casas e gado, mas também no seu patrimônio moral e na tradição, pois em sua maioria descendiam de antigos moradores do município, os quais lhes haviam transmitido uma herança de integridade e amor ao trabalho e raro era aquele que não tivesse um antepassado herói de alguma campanha militar. (VERISSIMO, 1956a, p. 203).

Nesse ambiente, acentuadamente marcado pelos valores ainda intocáveis de uma tradição baseada na crença de um passado glorioso, não há lugar para “forasteiros”. Os imigrantes italianos e alemães, com sua indústria e comércio incipientes, ainda não

---

<sup>4</sup> Entenda-se o moderno por “encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas ao redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos” (BERMAN, 2008, p. 24).

conseguiram entrar para o seletivo grupo dos abastados, portanto não podem morar nos arredores da praça ou na Rua do Comércio. No plano da narrativa, eles serão aceitos como sócios do Clube do Comércio bem mais tarde, somente após acumularem bens patrimoniais condizentes com as regras locais.

Nesse contexto social, Rodrigo Cambará surge como o caudilho letrado, filho de fazendeiro que vai estudar em Porto Alegre e perde o interesse pela lida campeira. Seu interesse volta-se para os perfumes, comidas e bebidas importadas. Como médico, atende de graça pois não precisa do dinheiro do consultório. A renda da família está garantida com os ganhos da pecuária, graças ao trabalho do pai e do irmão e do momento econômico favorável. Disposto a transformar Santa Fé, dotá-la de recursos modernos, Rodrigo encontra resistência dos poderosos locais, preocupados apenas com a criação do gado. Ele chega a tentar, sem sucesso, instalar o serviço de luz elétrica na vila, o que permitiria a instalação de um cinematógrafo.

A despeito disso, a personagem não se mostra completamente confiante em seus planos e desejos. Rodrigo equilibra-se entre duas vontades, como mostra o trecho a seguir:

Cada homem tem, sim, seu porto. O dele, Rodrigo Terra Cambará, era Santa Fé, onde lançara profundamente sua âncora. [...] Estava decidido a conquistar Santa Fé, a submetê-la à sua vontade, a moldá-la de acordo com seus melhores sonhos. Não se deixaria dominar por ela. Jamais se entregaria ao desânimo e à rotina. Jamais seria um maldizente municipal como o Cuca Lopes, um indolente inútil como o Chiru Mena e muito menos um capacho como o Amintas. Não perderia de vista Paris, e não esqueceria nunca que o mundo não terminava nos limites do município de Santa Fé. (VERISSIMO, 1956a, p. 200-201).

As contradições no pensamento de Rodrigo Cambará traduzem as próprias contradições do período representado. Torna-se difícil manter-se preso à terra, às tradições do meio rural, quando existe um universo de possibilidades longe dali, na cidade grande – lazer, cultura, conforto, exuberância, vida pulsante, etc. Ele acha possível trabalhar pelo desenvolvimento de sua terra e sua gente, mas sem perder de vista Paris. Ou seja, o mundo para a personagem deve se estender muito além dos limites da cidade. Rodrigo quer sentir-se mais próximo da metrópole francesa e assina a revista *L'Illustration* com essa finalidade.

– Um dia hei de visitar Paris – prosseguiu, depois de breve silêncio. – Mas enquanto esse dia não chegar, hei de fazer o possível para trazer um pouco de Paris pra Santa Fé. Tenho uns quinhentos livros franceses. Tomei uma assinatura por dois anos de *L'Illustration*. A França é a minha segunda pátria. Que seria do mundo sem a

França? Voltaire, Diderot, Descartes, Montaigne, Chateaubriand, Victor Hugo, Lamartine, Anatole France... – À medida que enumerava esses nomes, ia fazendo os gestos de quem despetala um malmequer. – A flor da raça humana! Ah! Paris... Lá é que está a verdadeira civilização. (VERISSIMO, 1956a, p. 269-270)

A atração que Rodrigo Cambará sente por Paris explica-se pelo contexto histórico da época representada. Em uma época marcada pela modernização do Rio de Janeiro, baseada no modelo arquitetônico e urbanístico da capital francesa, torna-se natural o apreço pela aparência e pelo bom gosto. Como acentua Sevcenko (2003, p. 51), o Rio de Janeiro torna-se cosmopolita com o advento da República e o mais importante era estar em dia com os menores detalhes da vida social do Velho Mundo.

Completa Sevcenko:

E os navios europeus, principalmente franceses, não traziam apenas os figurinos, o mobiliário e as roupas, mas também as notícias sobre as peças e livros mais em voga, as escolas filosóficas predominantes, o comportamento, o lazer, as estéticas e até doenças, tudo enfim que fosse consumível por uma sociedade altamente urbanizada e sedenta de modelos de prestígio.

No período que grosso modo vai de 1900 até o início do movimento modernista, a língua, a literatura e a cultura francesa são presenças hegemônicas no sistema cultural e social brasileiro. Como aponta Carelli (1994, p. 185), “no confronto entre a 'barbárie' e a 'civilização' que conhecia a jovem nação brasileira, Paris foi o modelo incontestado, assim como a referência mítica dos artistas”. Nos jornais e revistas, os escritores franceses eram os mais traduzidos. Os autores ingleses e alemães, quando lidos, chegavam ao público a partir de traduções francesas, geralmente de romances do tipo popular. Needell (1993, p. 215) afirma que “os leitores adulados pelos autores brasileiros haviam adquirido gostos que, devido às viagens e à educação, tinham Paris como a principal referência. Neste caso, os modelos ditados pela moda eram os autores franceses [...]”.

No caso de Rodrigo, que estava aberto a esse modelo social, a revista francesa funciona como uma ponte entre Santa Fé e o resto do mundo, encurtando as distâncias e fazendo com que ele se sinta um protagonista da história mundial. Ao mesmo tempo a publicação ajuda a lançar a personagem num beco sem saída, pois o leva a tomar consciência do abismo existente entre a rotina de Santa Fé e a vida pulsante da Europa. Rodrigo sente-se enraizado em sua terra natal, mas ao mesmo tempo percebe que coisas grandes e importantes acontecem bem longe

dali e lamenta não poder desfrutar disso tudo. A realidade de Santa Fé são o boi, o cavalo, o campo, o isolamento.

Somente uma viagem a Paris poderia abrandar a sensação de solidão e abandono vivida por ele.

Ao fechar a revista, sentiu de súbito, pesada e angustiante como nunca, a solidão do Sobrado. Caminhou até a janela, como que sufocado, numa busca de ar. Era uma noite de lua nova, pobre de estrelas, e só a luz tibia dos lampiões alumia as ruas. Um ventinho em que já se sentia um precoce calafrio de inverno remexia as folhas secas no chão da praça. Não se via viva alma naquelas redondezas.

[...] Teve ímpetos de gritar. A vida que levava era a mais estúpida que se podia imaginar. Para onde quer que se voltasse, só via homens: na farmácia, no Sobrado, no clube. Só machos, machos, machos! Precisava casar, ter mulher em casa, carinho, filhos, calor humano, aconchego... Detestava aquela solidão. *L'Illustration* lhe havia trazido imagens de Paris, ecos da vida da Cidade Luz. Damas em vestidos de noite, envoltas em peles, faiscantes de jóias, perfumadas e belas, dentro de automóveis à saída de teatros; homens de casaca, chapéu alto, sobretudo de astracã... Cancãs no *Moulin Rouge*. Museus, livrarias, cafés. A boemia intelectual da *Rive Gauche*. Canções alegres, ditos espirituosos, gente civilizada e interessante. Vida, enfim! Que tinha ele ali em Santa Fé? A civilização da vaca, do sebo, do charque. A boçalidade, a banalidade, a rotina, a pobreza de espírito, o atraso dum século! Ou vou para Paris o ano que vem ou me caso. Ou faço as duas coisas. Ou meto uma bala nos miolos. (VERISSIMO, 1956b, p. 40-41)

Como o trecho bem ilustra, a consciência de Rodrigo quanto a sua solidão vem justamente da leitura da revista. Toda a percepção de seu entorno colabora para isso, da lua ao céu sem estrelas, da luz fraca dos lampiões ao vento frio que sopra as folhas das árvores. O cenário bucólico, em contraste com as imagens que vêm de Paris, provoca sentimentos de desespero. Neste momento, o médico confunde o desejo de conhecer Paris com a necessidade de desposar alguém, o que poderia funcionar como um remédio contra a solidão.<sup>5</sup> Nesta mesma noite, Rodrigo sonha que passeia de gôndola pelas ruas inundadas de Paris, reconhece a Torre Eiffel e acha estranho ver o Sobrado em plena Place de l'Étoile.

Como a realidade nem sempre é tão agradável quanto o sonho, Rodrigo nunca consegue realizar a viagem a Paris ou a qualquer outra cidade da Europa. O mais longe que vai é ao Rio de Janeiro, convidado por Getúlio Vargas para integrar o alto escalão do governo após

---

<sup>5</sup> É curioso que a paixão de Rodrigo pela austríaca Toni Weber também se caracteriza por um desejo inconsciente de se sentir mais próximo da Europa. Segundo ele, "Toni era a Europa. Não tinha apenas vinte anos, mas dois mil, ao passo que ali no Rio Grande, em matéria de arte e cultura, estava-se ainda numa espécie de idade da pedra lascada." (VERISSIMO, 1956b, p. 307-8)

a Revolução de 1930. O motivo da mudança, numa análise posterior de seu filho Eduardo, é a crise econômica que atinge a pecuária nessa época. Entrar na campanha política e mais tarde na revolução torna-se uma saída para as dificuldades financeiras, o que não significa abandonar a região que o formou.

Apesar de o romance não narrar a vida de Rodrigo no Rio de Janeiro, sabe-se que todo ano ele passa o verão com a família em Santa Fé. Não por acaso, logo após a deposição de Getúlio Vargas, que coincide com os problemas cardíacos da personagem, a família Cambará refugia-se no Sobrado. A cidadezinha, como uma mãe, está de braços abertos à espera do filho pródigo. O protagonista não será cobrado por ter trocado o Rio Grande do Sul pelo Rio de Janeiro, mas, sim, por ter traído os ideais liberais, apoiando a ditadura do Estado Novo.<sup>6</sup>

Na vasta galeria de personagens de *O tempo e o vento* existem personagens que atuam como contraponto ao modelo de desenvolvimento urbano e à ascensão da burguesia rural. Um deles é o pintor espanhol Pepe García, para o qual a culpa de todos os males da humanidade está com o capitalismo. Anarquista assumido, García defende a destruição total do modelo social e econômico vigente, com a finalidade de se começar tudo de novo.

Outra figura emblemática é o comunista Arão Stein, que surge na narrativa nos episódios que transcorrem a partir dos anos 20. Stein é um sujeito inconformado com a opressão do capitalismo, a exploração do proletariado, o acúmulo de riquezas e a consequente desigualdade social. Ao contrário de Rodrigo Cambará, que vê nos miseráveis de Santa Fé uma oportunidade para promover a caridade e, com isso, aumentar o seu prestígio e consideração, Arão Stein observa o resultado perverso da desigualdade social e luta com as suas armas – geralmente ideias que ninguém leva a sério – para promover uma revolução comunista. O redator do jornal *A Voz da Serra*, Amintas Camacho, também reconhece apenas as vantagens da modernização que chega a passos largos em Santa Fé.

“Santa Fé civiliza-se” – escreveu Amintas Camacho num de seus editoriais. Falou nas modas, nas danças “deste nosso século dinâmico e trepidante”, nos automóveis de modelo novo que chegavam à cidade. “Ninguém pode deter o carro do progresso” – concluiu.

– Fresco progresso – resmungou Stein. – Enquanto essas meninas ricas botam dinheiro fora em vestidos, pinturas e automóveis, os pobres do Barro Preto, do Purgatório e da Sibéria continuam na miséria crônica. A mortalidade infantil

---

<sup>6</sup> Isso se explica porque os meandros da política estão no centro das ações do protagonista e de muitos diálogos nos episódios de *O arquipélago*, última parte da trilogia. Sobre a importância da política para a configuração ficcional de *O tempo e o vento*, ver Fresnot (1977).

- umenta. A tuberculose se alastra.  
– É a vida – filosofou Tio Bicho.  
– Não – replicou Stein. – É a morte. (VERISSIMO, 1963, p. 497)

Embora seja uma cidade pequena, Santa Fé apresenta alguns dos problemas da cidade grande. Se o progresso chegou ao interior, atenuando em parte o isolamento e a carência de elementos modernos, também trouxe a desigualdade e a pobreza. Nem mesmo os que ficaram no interior conseguiram escapar do lado perverso do desenvolvimento. Para contrapor a postura um tanto entusiasmada do jornalista em relação aos avanços materiais visíveis no cotidiano da pequena cidade, a voz de Stein levanta-se como uma lembrança de outra realidade. A sentença “é a morte” relativiza, para não dizer anula, as vantagens do progresso material. Coloca em pé de igualdade uma cidade do interior e uma capital, onde os problemas nascidos das contradições da época representada podem ser os mesmos. Na constituição de uma região cultural mais ampla, de um Rio Grande do Sul sem barreiras geográficas regionais, seus habitantes partilham os mesmos benefícios da modernidade, mas também herdam os mesmos dramas sociais.

#### **4. Antares (Região das Missões)**

O romance *Incidente em Antares* está dividido em duas partes. Na primeira, o narrador conta a história da formação e desenvolvimento da cidade missioneira, desde seu surgimento até 1963, apontando as transformações de cada época e a maneira como os habitantes são afetados pelos eventos históricos. Essa “apresentação” de Antares funciona como uma espécie de pano de fundo para a narrativa do “incidente”, reservada para a segunda parte, que trata do acerto de contas dos mortos-vivos com a população local.

A cidade imaginada por Erico Verissimo neste romance está localizada na fronteira com a Argentina. Um mapa representando a região central de Antares, desenhado pelo escritor, é apontado como o primeiro material elaborado especificamente para a escrita do romance, segundo aponta Silva (2000, p. 65). O mapa apresenta alguns caminhos pontilhados que sugerem os indícios da trama, por onde os personagens devem se movimentar. O desenho da cidade destaca a praça e o coreto, as principais ruas e as construções – delegacia, prefeitura, mansões, restaurante, bar, igreja, cemitério. “O mapa é o referencial concreto das coordenadas espaciais do local onde se passa o episódio mais importante do romance e é dele que Erico parte para a organização da história”, destaca Silva (2000, p. 65).

Neste cenário, as famílias Vacariano e Campolargo são as mandatárias, símbolos natos do coronelismo, cujas histórias se confundem com a da própria cidade. Inimigas desde o primeiro encontro, essas famílias cultivam uma rivalidade sangrenta que dura aproximadamente 70 anos, entre 1860 e 1930, sempre envolvidas em desajustes de ordem pessoal, política ou econômica. A união de ambas ocorre às vésperas da Revolução de 1930 por conta de um “tratado de paz” promovido pelo então deputado Getúlio Vargas, que trabalhava na comunhão de forças políticas prevendo as eleições.

Além das lideranças, Antares também abriga representantes de outros grupos e extratos sociais. No entanto, estes não serão protagonistas da narrativa. No trecho a seguir, o narrador critica a história oficial, repetida pelos livros escolares, e desculpa-se por ter que seguir o modelo convencional de narrativa histórica que, pelo menos até as primeiras décadas do século XX, era baseado nos feitos da nobreza e de seus líderes. O objetivo principal do narrador é chegar aos eventos macabros ocorridos em 1963, e eles estão diretamente relacionados às oligarquias regionais – o que justificaria a ausência na narrativa daqueles que “sofrem” a história.

Os livros escolares, cujo objetivo é ensinar-nos a história da nossa terra e do nosso povo, são em geral escritos num espírito maniqueísta, seguindo as clássicas antíteses – os bons e os maus, os heróis e os covardes, os santos e os bandidos. [...] Por motivos puramente de economia de espaço [...] estas páginas lamentavelmente têm seguido o espírito dos citados livros escolares, focando de preferência as duas grandes oligarquias que em Antares, durante cerca de setenta anos, disputaram o predomínio político, social e econômico. Ficaram assim na penumbra do segundo, do terceiro e do último plano todos aqueles que – para usar uma expressão de Spengler – não “fazem” mas “sofrem” a História, a saber: estancieiros menores, agricultores de minifúndios, membros das profissões liberais e do magistério e ministério públicos, funcionários do governo, comerciantes, artesãos e por fim essa massamorda humana composta de párias – brancos, caboclos, mulatos, pretos, curibocas, mamelucos – gente sem profissão certa, changadores, índios vagos, mendigos, “gentinha” molambenta e descalça, que vivia num plano mais vegetal ou animal do que humano, e cuja situação era em geral aceita pelos privilegiados como parte duma ordem natural, dum ato divino irrevogável. (VERISSIMO, 2000, p. 24-25)

O principal representante dessa oligarquia na narrativa é o coronel Tibério Vacariano. Com a vitória da revolução, Tibério torna-se um homem de confiança de Getúlio Vargas (assim como ocorre com Rodrigo Cambará) e sua influência cresce em Antares. Além de rico e poderoso, a política aumenta o seu prestígio pessoal. Alguns anos após a ascensão de Vargas,

no final do governo provisório, Tibério Vacariano faz a sua primeira viagem ao Rio de Janeiro, experiência que o leva a realizar comparações com Antares e a reconhecer pela primeira vez as carências da cidade pequena.

Tibério Vacariano voltou para casa com a cabeça cheia de planos efervescentes. Concluía que havia chegado a sua hora de “tirar o pé do lodo”, isto é, livrar-se por uns tempos da vidinha pacata, segura mas medíocre e monótona que levava em Antares. [...] O Rio de Janeiro fervia permanentemente de fêmeas jovens e apetitosas, algumas delas fáceis. Pela primeira vez Tibério havia atentado na beleza do cenário da grande metrópole. “Ota cidade linda!” - costumava dizer aos amigos. [...]

Algumas vezes, porém, quando estava em cima dum cavalo, na estância, parando rodeio ou simplesmente cruzando uma invernada, passavam-lhe pelo campo da memória imagens fugidias como essas que a gente mal vê pela janela dum trem em movimento. O Corcovado... a pedra da Gávea... ondas batendo na pedra do Arpoador... as areias de Copacabana... caras, coxas, seios, pernas, nádegas de mulheres, sob pára-sóis coloridos... peles reluzentes de óleo de coco ... e o sol e o mar e as montanhas... “Pota que me pariu! Que é que eu estou fazendo aqui neste fim de mundo, fedendo a creolina e levando esta vida de bagual?” (VERISSIMO, 2000, p. 44-45)

Tibério sente-se maravilhado pelos encantos da capital do Brasil. A primeira visita ao centro do poder desperta nele a consciência do atraso de Antares, cidade que fornece segurança financeira e familiar, mas, por outro lado, é monótona e medíocre. No Rio de Janeiro, as belezas naturais são infinitas e estão diretamente relacionadas às tentações sexuais. O campo, as coxilhas, as lagoas e a fauna das missões remetem a um universo rural desprovido de qualquer atrativo, ao contrário do que ele presencia na capital. A natureza exuberante da estância não basta para Tibério, pois no campo não há óleo de coco, nem corpos femininos para se admirar.

Anos mais tarde, mais precisamente em 1938, Tibério Vacariano compra um apartamento na Avenida Atlântica, com auxílio de um empréstimo conseguido no Banco do Brasil por intermédio de Getúlio Vargas. A partir de então vive uma parte do ano em Antares, a outra no Rio de Janeiro.

Ano após ano, mal entrava o mês de novembro, Tibério punha-se a caminho do Rio Grande do Sul, de Antares e das suas terras, onde tornava a ser o estancieiro, o patrão, o homem que manda, desmanda e grita. Aliviava assim o peito e a cabeça de todos os impropérios e ímpetos agressivos reprimidos durante seus meses de “atividade civilizada” no Rio de Janeiro, no convívio com gente do asfalto e da areia da praia.

[...]

Quando, em fins de abril ou princípios de maio de cada ano, embarcava de volta à capital federal, Tibério Vacariano, ao vestir a sua roupa de linho tropical, envergava também a sua “personalidade carioca”. Já se habituara a esse tipo de vida, e achava até um sabor esquisito nessa duplicidade. (VERISSIMO, 2000, p. 44-45)

A vida dupla de Tibério Vacariano sintetiza o perfil do homem que se muda para a cidade grande, mas não consegue sepultar o seu passado campesino. Apesar de viver parte do ano na capital urbanizada, por conseguinte civilizada, ele próprio não consegue civilizar-se. De volta a sua região, torna a ser o coronel que grita e desmanda seus subalternos, a gente “molambenta e descalça”. Tibério tem um caráter duplo, duas faces bem demarcadas pela vestimenta: a bombacha para o trabalho campeiro e a roupa de linho tropical para as atividades políticas no litoral.

Em outras palavras, a personagem movimenta-se livremente por regiões completamente antagônicas: a atrasada e a desenvolvida. Antares moderniza-se com fábricas, telégrafo, cinema, estrada de ferro, rádio e automóveis, mas Tibério não consegue absorver essa modernidade. Na percepção do coronel, esses objetos não livram a pequena cidade da condição de atraso social e intelectual. Para ele, Antares continua sendo terra de bagual, o que não significa que deva ser abandonada ou traída por essa condição. No fundo, não percebe que ao mudar de comportamento quando está na fazenda, tornando-se bruto e agressivo, ele demonstra estar modernizado apenas em parte, agindo de acordo com o seu meio.

A exemplo de Rodrigo Cambará em *O tempo e o vento*, Tibério Vacariano também se corrompe no Rio de Janeiro. Ambos retornam a suas cidades de origem quando Getúlio Vargas renuncia ao mandato, em 1945. A cidade natal é o porto seguro de personagens que percebem o atraso cultural no seu ambiente, em comparação à paisagem urbana. No entanto, não são capazes de apreender as lições de civilidade que acreditam estar apenas na cidade grande. Essa dificuldade em se transformar num sujeito moderno de fato, no caso dessas personagens, indica que o processo de aculturação não funciona de forma automática. E as oposições entre campo e cidade, interior e capital não são tão estáticas quanto podem parecer, já que comportamentos semelhantes podem se repetir tanto num lugar quanto noutra e variar conforme o momento.

Mais tarde, por ocasião da eleição de Jânio Quadros, Tibério faz nova incursão para além das fronteiras de Antares, desta vez a Brasília.

- Que tal Brasília?
- Uma bosta. Não sei por que escolheram aquele lugar pra essa tal de Novacap.

Decerto muita gente andou ganhando dinheiro por baixo do poncho na transação. Não vi nada que justificasse a escolha. Naquelas paragens só existem arbustos minguados, nenhuma árvore de mérito. Terra porosa. É como se Brasília tivesse sido construída em cima dum cupim. E sabem duma coisa? Naquele deserto nem passarinho tem! (VERISSIMO, 2000, p. 113)

As viagens de Tibério Vacariano, podemos concluir, estão associadas mais a interesses políticos do que a uma vontade de adquirir conhecimento. No Rio de Janeiro ele segue os passos de Getúlio Vargas e a adaptação na Capital passa a ser uma necessidade. O fazendeiro quer reconhecer as vantagens de se morar no litoral, em meio às belezas cariocas, e as comparações o levam a rechaçar o estilo de vida não urbano de Antares. Mesmo assim, sua verdadeira morada continua sendo a terra natal. A viagem a Brasília tem a mesma finalidade, ou seja, uma “inspeção” ao centro do poder. Tibério precisa ter um parecer sobre a nova sede da capital do Brasil e a tendência natural é de rejeição. A comparação, no entanto, não é entre Brasília e o Rio de Janeiro, mas entre Brasília e Antares (leia-se Rio Grande do Sul). Uma terra onde não nascem árvores frondosas, o solo é pobre e os passarinhos escasseiam não pode ser digna de uma capital federal. Afinal, as condições perfeitas para uma vida plena, próxima da natureza abundante, somente podem existir na terra natal.

## 5. Considerações finais

As novas experiências de vida que surgem a partir de diferentes transformações ocorridas na primeira metade do século XX provocam mudanças no espaço regional do Rio Grande do Sul. O desenvolvimento econômico e social, com consequentes melhorias nos sistemas de transporte e de comunicações, construção de fábricas e deslocamento entre as cidades, entre outros fenômenos que conduzem à urbanização da região, representa desafios para homens e mulheres. As fronteiras são abertas e o que era exclusividade de um grupo passa a ser compartilhado por muitos. Todos são lançados no “turbilhão” e dessa situação surgem os dramas pessoais de (re)adaptação.

A ideia de um centro geográfico fica cada vez mais difícil de ser determinada. O conceito de urbano, embora persista sua associação às metrópoles – ou a cidades em vias de chegar a essa condição – deixa de estar restrito à capital. O urbano não está vinculado apenas ao desenvolvimento acelerado e às multidões, mas também à cidadezinha, pois ela deixou de ser sinônimo de campo e também vive as experiências modernas. Por isso, não se estranha quando Erico Verissimo (1987) apresenta o romance *Música ao longe* como “uma das primeiras

tentativas de regionalismo urbano feitas no Rio Grande do Sul no campo do romance”, no prefácio para a obra, escrito em 1961. O termo “regionalismo urbano” empregado pelo romancista pode ser interpretado por “regionalidade”. Na acepção de Haesbaert (2010, p. 8), a regionalidade “estaria ligada, de forma genérica, à propriedade ou qualidade de 'ser' regional” e, ainda, “envolveria a criação concomitante da 'realidade' e das representações regionais, sem que elas possam ser dissociadas ou que uma se coloque, a priori, sob o comando da outra [...]”.

Quando a literatura rio-grandense divide-se, grosso modo, entre o regionalismo que se volta ao “monarca das coxilhas” e o romance social preocupado com a pequena burguesia e o proletariado da cidade, Erico Verissimo opta por ampliar os horizontes da problemática. Em seu projeto ficcional, as crises e dramas de uma época estendem-se por diferentes (micro)regiões, afetando os habitantes de todas as origens. Há um deslocamento de ordem espacial e temática, que procura apresentar as mudanças da sociedade de diferentes ângulos e perspectivas, revelando não apenas as consequências, mas também as causas.

Nessa perspectiva, as personagens não estão necessariamente acomodadas numa determinada região. Afinal, os encantos e os atrativos da “cidade civilizada” estão sempre impondo-se, como uma constante tentação. Ao mesmo tempo em que recursos e objetos modernos aproximam a pequena vila do resto do mundo, despertam em seus habitantes a consciência do atraso. Por isso, o ufanismo regionalista presente no discurso das personagens – como programa e paradigma – contradiz a vontade de romper os limites municipais, estabelecendo um jogo de forças nas reações provocadas pelo “mal-estar na modernidade” e pelo “mal-estar na região”.

Essas contradições, que observamos em Clarissa, Vasco, Rodrigo Cambará e Tibério Vacariano, não são apenas lutas pessoais de personagens que “sofrem” a história. São também as contradições da própria época representada nas respectivas narrativas. As características de cada uma dessas cidades imaginadas, reveladas a partir do temperamento dos personagens-protagonistas, têm semelhanças que atuam no sentido de representar uma região maior, o Rio Grande do Sul, e o homem do sul, habitante de uma região sócio-cultural que preserva códigos morais e hábitos específicos.

Nesse sentido, a história do Rio Grande que transcorre em Jacarecanga, Santa Fé e Antares poderia ser a mesma de qualquer cidade da Campanha, do Planalto e das Missões. Os dramas poderiam se repetir, com outras motivações e pontos de vista, também em Porto Alegre, na luta do gaúcho pela adaptação ao novo modelo de desenvolvimento burguês e progressista

(tema abordado nos romances do “Ciclo de Porto Alegre”), ou na Serra, onde os descendentes de imigrantes italianos e alemães buscam reconhecimento e legitimação de nacionalidade.

Posto isso, a representação literária desse momento de transição do modelo de uma sociedade patriarcal para o processo de urbanização ressalta de certo modo uma relativização dos sentidos da antítese campo/cidade, interior/centro ou atraso/modernidade. O novo e o moderno também chegam ao meio rural, ao mesmo tempo em que a cidade recebe os representantes do atraso. A luta ocorre justamente na percepção e aceitação da condição nativa por parte das personagens, bem como na adaptação a uma nova realidade imposta pela época.

Por fim, se há desconforto e “mal-estar” do sujeito que habita o espaço sulino representado nos romances analisados, há também apego à terra e reafirmação da tradição. Prova disso é que as personagens saem em busca de aventuras na metrópole, mas voltam para o seu ambiente nativo, mais cedo ou mais tarde.

## Referências

ARENDDT, J. C. O mal-estar na região: Belmiro, Ester, Blau. **Nonada Letras em Revista**, Porto Alegre, n. 19, p. 85-95, 2012.

BERMAN, M. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. Tradução Carlos Felipe Moisés, Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BERUMEN, H. F. **La frontera en el centro**. Ensayos sobre literatura. Mexicali, Baja California: Universidad Autónoma de Baja California, 2005.

BORDINI, M. da G.; TREVISAN, A. **As cidades imaginadas de Erico Verissimo**. Porto Alegre: Gráfica Comunicação Impressa, 2007.

CARELLI, M. **Culturas cruzadas**: intercâmbios culturais entre França e Brasil. Tradução Nícia Adan Bonatti. Campinas: Papirus, 1994.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**: 1. artes de fazer. Tradução Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.

FRESNOT, D. **O pensamento político de Erico Verissimo**. Rio de Janeiro: Edições do Graal, 1977.

HAESBERT, R. Região, regionalização e regionalidade: questões contemporâneas. **Antares** (Letras e Humanidades), Caxias do Sul, n° 3, p. 2-24, jan./jun. 2010.

MECKLENBURG, N. Regionalismo literário em tempos de globalização. Tradução Ana Helena Krause. In: ARENDT, J. C.; NEUMANN, G. R. (orgs.). **Regionalismus – regionalismos**: subsídios para um novo debate. Caxias do Sul: EDUCS, 2013. p. 173-195.

NEEDELL, J. D. **Belle époque tropical**: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século. Tradução Celso Nogueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SEVCENKO, N. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SILVA, M. I. de L. e. **A gênese de Incidente em Antares**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

STÜBEN, J. Literatura regional e literatura na região. Tradução Thiago Benites dos Santos. In: ARENDT, J. C.; NEUMANN, G. R. (orgs.). **Regionalismus – regionalismos**: subsídios para um novo debate. Caxias do Sul: EDUCS, 2013. p. 37-73.

VERISSIMO, E. **Incidente em Antares**. 52. ed. São Paulo: Globo, 2000.

\_\_\_\_\_. **Música ao longe**. 38. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1987.

\_\_\_\_\_. **O tempo e o vento. O retrato**. Porto Alegre: Globo, 1956a. vol. 1.

\_\_\_\_\_. **O tempo e o vento. O retrato**. Porto Alegre: Globo, 1956b. vol. 2.

Artigo recebido em: 21.01.2015

Artigo aceito em: 05.04.2015